

ENTRE O AMOR E A MEMÓRIA. UMA LEITURA DE *O ÚLTIMO MINUTO NA VIDA DE S*, DE MIGUEL REAL¹

Repartindo erudição, inteligência e talento criativo por géneros tão diferentes quanto o ensaio, a ficção e o teatro, Miguel Real é hoje uma das figuras intelectualmente mais cativantes da cena cultural portuguesa. Atentíssimo ao pormenor factual, minucioso no detalhe bibliográfico, quase obsessivo na qualidade da informação reproduzida, o ensaísta Miguel Real tem escrito algumas das páginas mais acutilantes acerca da realidade histórica e cultural portuguesa. Os seus livros são marcos obrigatórios para se compreender algumas das contraditórias pulsões que, ao longo do tempo, foram traçando a fisionomia cultural, as marcas comportamentais, o imaginário genérico e as condições de sobrevivência de um lugar europeu de nome Portugal (veja-se por exemplo dois ensaios recentes, um sobre Matias Aires e outro sobre o Padre António Vieira). Filósofo por formação, os seus estudos da figura intelectual de Eduardo Lourenço e, mais recentemente, de Agostinho da Silva, recomendam-se como exemplos de um trabalho metodologicamente rigoroso e intelectualmente muito profícuo. Crítico literário orientado sobremaneira pelas várias historicidades inscritas nos textos de que se ocupa, Miguel Real tem também contribuído singularmente para uma caracterização inteligente da cena literária contemporânea.

Deslocando as estratégias do impulso filosófico para a área do teatro, Miguel Real também participa (associado sempre à fina sensibilidade de Filomena Oliveira) na construção de textos dramáticos e/ou em adaptações cénicas invariavelmente caracterizados por tematizações históricas fortes e procedimentos comunicativos dinâmicos que sabiamente captam público e atenção crítica.

E por fim a literatura de ficção. Tendo já recebido alguns prestigiados prémios literários, é no universo das livres figurações romanescas que Miguel Real inscreve mais criadoramente o seu conhecimento cultural, o seu talento narrativo e o fulgor de um relacionamento muito rico com a língua portuguesa. Quanto a este relacionamento, aliás, *O último minuto na vida de S*. apresenta, pelo menos, duas qualidades particularmente relevantes. Por um lado, um excelente domínio daquela técnica de construção das sequências discursivas, popularizada sobretudo por José Saramago, em que manchas gráficas compactas correspondem a *blocos narrativos autónomos*, sem partição em períodos nem parágrafos e, portanto, com um encadeamento de frases e ideias que sugerem e/ou

¹ Miguel Real (2007) *O último minuto na vida de S*. Lisboa, Quidnovi.

convidam a um ritmo de leitura homólogo. Por outro lado, estamos perante um apurado sentido das *possibilidades lúdicas das palavras*, e que leva Miguel Real a introduzir frequentemente na narrativa algo semelhante a momentos de realização da função poética da linguagem, jogando com sonoridades e efeitos semânticos numa pura fruição da instância propriamente linguística da literatura. Por exemplo, logo a abrir o romance deparamos com uma sequência de assonâncias ou apofonias expressivas: “[...] a teu lado o Almirante insignificante, testa ignorante, nariz petulante, boca rutilante, barriga posante, peito abundante, baixinho, miudinho, sumidinho [...]” (13).

Este dispositivo será repetido algumas vezes ao longo do romance, como por exemplo aqui: “[...] uma criança de boca fechada, travando o pavor, o horror, o temor, o terror, o estupor [...]” (27). Do mesmo modo vamos deparando com palavras cuja grafia vai mudando, estabelecendo um jogo de ironia que parece querer reinventar as regras de adequação entre a significância das palavras e a visibilidade das coisas. É o que acontece, por exemplo, com o enquadramento interpretativo do *povo* que junto ao mar se despede dos seus filhos-soldados de partida para a guerra colonial, e que surge designado por “povoléu” (21), “povocéu” (22), “povojeú” (24) e “povoméu” (26).

*

No contexto da diversidade de práticas artísticas e intelectuais de Miguel Real, o romance *O último minuto na vida de S.* é tão-só mais um exemplo da irrecusável qualidade da *mobilitade criativa* deste autor. Leia-se S. como a abreviatura do nome Snu Abecassis, a companheira do político Francisco Sá-Carneiro, e o “último minuto” como o momento da morte de ambos, quando a avioneta em que seguiam se despenhou no dia 4 de Dezembro de 1980. De nacionalidade sueca, casada com um português, mas dele separada há já algum tempo quando conhece Sá-Carneiro, que por sua vez passava também na altura pela experiência da separação matrimonial, Snu emblematizou em Portugal a força de uma mulher (e de um homem) em busca de uma felicidade afirmada contra a ignorância boçal e preconceitos atávicos. É desta *matriz amorosa* que Miguel Real parte para a ficcionalização da mulher Snu, desde os tempos de juventude até ao momento da sua trágica morte ao lado do homem que amava.

Sendo um romance que gravita em torno de um grande amor, ou do conhecimento que o leitor pode ter da ocorrência desse grande amor, *O último minuto na vida de S.* não é contudo um romance de amor. Na verdade, o alcance da configuração ficcional de Snu reside sobretudo na possibilidade de *caracterização de um Portugal salazarista provinciano e inculto*, bem como na reposição e interpretação da *memória portuguesa* dos últimos anos do regime e dos seis primeiros anos da revolução portuguesa.

O casamento de Snu com um cidadão português (Hugo), oriundo de uma família rica, poderosa e bem relacionada com a ditadura, e a subsequente vivência em Portugal com os seus três filhos durante os últimos anos da década de Sessenta e os primeiros anos da década de Setenta, propiciam a reconstrução imaginativa da vida pessoal de Snu no contexto das diferenças culturais e ideológicas do país em que passou a viver. E é com o seu olhar surpreendido de mulher sueca e com as suas atitudes nórdicas de não conformismo que o romance nos vai dando acesso à guerra colonial, à censura

e ao medo, à teia de cumplicidades entre a ditadura e o poder económico, a um entendimento marialva do papel da mulher na família e na sociedade, ao sufoco de viver num país de costas voltadas à modernidade cultural e intelectual que ia impulsionando o progresso no resto da Europa. “Era aquele o povo do Hugo, o povo mais arcaico da Europa” (24), será um dos pensamentos colocados pelo autor na voz de Snu. O fim da ditadura, o 25 de Abril, o primeiro 1º de Maio e os subsequentes processos reivindicativos dos trabalhadores, são momentos eufóricos que Snu festeja em contradição com a preocupada e ardilosa reacção de Hugo no mundo dos seus negócios. Seguir-se-á a separação inevitável do casal, e finalmente o encontro com Francisco Sá-Carneiro, o homem ao mesmo tempo sonhador e combativo, o sedutor político democrático –no sentido social da democracia que Snu aprendera na sua Suécia tão distante.

Ficcionando a mulher Snu (e a sua vida pessoal) a partir de alguns dados biográficos conhecidos, este romance é, contudo, uma *falsa biografia*. É certo que a narração se centra exclusivamente na figura de Snu, e é sempre exercida na primeira pessoa. Contudo, esta subjectivação deliberada do romance só adquire sentido no desenho ficcional mais amplo do autor/historiador/comentador/intérprete Miguel Real, o qual pretende, acima de tudo, sugerir Snu como uma espécie de *testemunha estratégica* da história portuguesa. A própria “memória” de Snu enquanto esposa e mãe surge tão-só para servir de mediadora entre afectos pessoais e pulsões colectivas. Registe-se este olhar (entre muitos outros possíveis) sobre os portugueses que o autor coloca na pessoa de Snu:

[...] retrato humano de um povo boçal, crédulo, bárbaro, silvestre, trajado de roupetas arqueológicas, fâcies animais, gordurosos de banhas escorrentes, faces vermelhas avinhadas, um povo cego de obediência a Salazar, de fé no assombro. (25)

Esta apropriação da figura da mulher nórdica, a fim de a associar a julgamentos pouco simpáticos dos portugueses, levanta algumas incomodidades e poderá mesmo ser considerado o núcleo mais controverso deste livro. De facto, ao diluir a fronteira entre a memória de factos pessoais mais ou menos conhecidos acerca de Snu e a anti-memória resultante da manipulação interpretativa desses factos por parte do escritor, Miguel Real fabrica um mecanismo de *representação oportunista* da figura de Snu que, para alguns leitores, pode ser considerado muito desagradável. Porém, o que importa lembrar é que Miguel Real está a escrever ficção e, por isso, só tem de prestar contas pela coerência propriamente artística do seu romance, e não por eventuais imprecisões biográficas daquela que se tornou a sua personagem central, bem como (ou sobretudo) pelas conjecturas de Snu que são forjadas pelo autor e projectadas na narrativa. Aliás, para um leitor jovem, ou alheio à História portuguesa recente ou desconhecedor da história pessoal de um político de nome Francisco Sá-Carneiro, ex-primeiro ministro de Portugal, a compreensão do romance está unicamente dependente dos seus próprios enleios narrativos. É que para além da citação muito circunscrita da figura da escritora Natália Correia (e do seu papel angelino na união dos dois amantes), só dois nomes ocorrem: Snu e Hugo (o seu primeiro marido). E estes são dois nomes absolutamente neutros no contexto da *construção ficcional* de um romance intitulado *O último minuto na vida de S.*

Apesar da admiração e empatia que o autor deixa transparecer, a figura histórica de Snu é aqui unicamente personagem de romance. Além disso, e tal como eu já afirmei, este não é um romance de amor (nem mesmo romance de um amor), mas sim uma obra que do princípio ao fim opera uma *leitura crítica de um país* por parte do intelectual multifacetado Miguel Real. Essa é uma leitura muitíssimo contundente, designadamente quanto ao tratamento dado por Portugal aos seus melhores espíritos, desde Damião de Góis a Agostinho da Silva e tantos outros (120). Essa é uma leitura tremendamente negativa do país do compadrio, das cunhas, das famílias –um país que é “todo igual” a um certo “ministro guarda-livros”, “medroso e servil, mesquinho, subserviente, funcionariuzinho escrupuloso, respeitoso de disciplina arcaica, bom aluno de professores obtusos” (31). Essa é uma leitura tão negativa e, contudo, tão verdadeira –tão negativa e tão verdadeira que quase nos abafa na sua adequação.

Reafirmando uma perspectiva que importa manter, apesar do julgamento demolidor do modo de ser português que Miguel Real leva a cabo, *O último minuto na vida de S* constrói-se a partir de uma importante matriz amorosa. E tenho para mim que o que a matriz amorosa deste romance nos conta é talvez que a memória do homem político Sá-Carneiro poderá sobreviver não tanto pela sua eventual condição de sujeito heróico ferido pela História, mas sim pela sua condição de homem salvo pelo coração de uma mulher rara num Portugal desconfortável e agreste. Essa mulher chamava-se Snu.